

linhas

#22 2014

revista
sobre **cultura**
eletroacústica

sumário

03 editorial

04 onde estão elas, as compositoras? (revisitado)
Julia Teles

10 por 1 minuto (silêncio)
Bruno Fabbrini

14 algumas coisas que eu tentei aprender com música
espontânea até agora
Lucas Rodrigues Ferreira

16 lemos o som morto e agora
Sérgio Abdalla

19 o som da razão produz monstros
Lilian Nakao Nakahodo

23 os olhos
Natália Keri

25 inútil
Luisa Puterman

28 ezequiel – forclusión v – vanguarda sul americana de nova
música
Adam Matschulat

editorial

Como se sabe, trimestralmente lançamos edições especiais da linda, revisadas, ilustradas e bilíngues. E, como conta o calendário, a próxima já está em plena pré-produção, com novidades em breve!

E o texto especial da primeira *linda* especial (a *linda-i*) está sendo publicado aqui pela primeira vez! Com comentários atualizados, além de uma seleção de *links* sobre o assunto, a **Julia Teles** fala sobre ser compositora, em um mundo muitas vezes machista.

E os demais autores continuam suas colunas, como o **Lucas Rodrigues Ferreira** questionando a falta de memória na improvisação livre, o **Sérgio Abdalla** lembrando do que pensava o Glenn Gould sobre as gravações, e a **Lilian Nakao Nakahodo** falando sobre sonhos nas artes. O **Bruno Fabbrini** faz uma poesia de imagens, e a **Luisa Puterman** uma poesia de palavras.

Já a coluna da **Natália Keri** vai chegando ao fim de mais uma etapa (esta que escreve a partir de grandes clássicos da História da Música Eletroacústica, hoje em sua penúltima edição), desta vez escrevendo a partir da música de **Johanna M. Beyer**, uma das precursoras da música de invenção!

E, por fim, a participação especial da **Vanguarda Sul Americana de Nova Música** nos apresentando a música de Ezequiel, projeto argentino de música experimental!

Lembrando que semana passada teve início a coluna mensal do **Daniel Puig**, entrevistando algumas das mais importantes cabeças da música experimental do Brasil. Na sua abertura, [uma conversa com Luis Carlos Csekö](#), imperdível!

Desejamos a todos uma agradabilíssima leitura!

onde estão elas, as compositoras? (revisitado)

Julia Teles

Dia 18 de maio, em meu primeiro artigo para a linda (no caso, [linda-i](#)), escrevi sobre como é ser uma compositora em um meio artístico tão predominantemente masculino. Hoje, alguns meses depois, repostado o texto na íntegra (pela primeira vez aqui no site), incluindo alguns comentários ao final da postagem.

Nos dias de hoje, pode parecer retrógrado ou desnecessário discutir o papel das mulheres na criação musical/experimentação sonora, isso porque em muitas outras áreas artísticas a quantidade de mulheres criadoras já é maior e vista com mais naturalidade. O que ocorre é que ainda há uma ideia, um senso-comum, de que homens compõem/desenvolvem música e tecnologia, gostando de experimentar técnicas e equipamentos, enquanto as mulheres no máximo usam essas tecnologias, reproduzindo o que foi desenvolvido por eles. Na área mais técnica de áudio (quem trabalha diretamente em P.A., monitor, estúdios, etc) ocorre uma grande discriminação e muitas mulheres técnicas que eu conheço já me contaram histórias absurdas de homens que as tratam como se elas não soubessem nem subir um fader ou girar um knob. Às vezes, homens que sabem muito menos de áudio do que elas chegam para compartilhar um trabalho e só o que fazem é tentar boicotar seu som, isso tudo enquanto fingem saber tudo e mais um pouco. Talvez se sintam ofendidos por saberem menos que garotas.

Desde que comecei a estudar música, percebi que o que aprendemos como história ou tradição da música ocidental é, basicamente, a história da

música feita por homens. Muito raramente, mesmo quando falamos de música do século XX, falamos de mulheres atuando na criação musical. Isso sempre me fez pensar que não haviam mulheres compondo música e experimentando (para desmentir isso, [clique aqui](#)). Já na faculdade, por algum tempo fui a única garota da classe de composição instrumental. Entrei no estúdio de eletroacústica em 2010 e me formei em 2012, sendo a primeira mulher a se formar no estúdio em seus 20 anos de existência. Como o grupo era formado somente por homens, sempre que eu chegava na roda de conversa em algum momento alguém falava: “cuidado com as palavras, tem uma menina na sala” ou algo parecido. Era engraçada essa tentativa de me ‘proteger’ dos palavrões ou dos comentários deles, pois não é porque somos meninas que não podemos ouvir e falar besteira. Isso me lembra aquele padrão bobo da menina frágil, delicada, pura. Como se não pudéssemos assumir esse lado mais concreto da vida, fazer outras coisas, ruídos, coisas nojentas, por que não? Pouquíssimas vezes cheguei nos ensaios e montagens de concerto e não fui lembrada de que era um ser estranho naquele ambiente.

Obviamente, ninguém nunca chegou para mim e disse: “você não pode fazer música interessante porque você é mulher”. Mas o que acontece é que vamos inconscientemente acumulando essas informações, vindas de diversas fontes, de que aquilo não é para nós e, já que não temos outras referências, vamos achando esse pensamento natural. Vamos interiorizando a ideia de que somos um ser estranho, e quando vemos, nós mesmas pensamos que não deveríamos estar fazendo aquilo, que não somos capazes. Por muitos anos, fiquei travada para compor, era um trabalho muito difícil ter voz.

Três livros que eu recomendo para mulheres que estejam passando por isso: O Existencialismo é um Humanismo (Jean-Paul Sartre), Profissões para mulheres e outros artigos feministas (Virgínia Woolf) e Pink Noises (Tara

Rodgers). O primeiro mostra que as coisas dependem muito das atitudes e decisões que nós tomamos; é um livro que incita à ação e mostra que as coisas são simples nesse sentido (quando não esperamos salvação divina ou do destino). Aliás, esse primeiro serve para qualquer pessoa em crise. Os artigos da Virginia Woolf mostram ela e outras autoras ganhando espaço na literatura, dando respostas a artigos e comentários machistas, debatendo a questão. Mostram que essa luta das mulheres para adentrar os meios artísticos é longa. Já o Pink Noises apresenta entrevistas incríveis com musicistas e artistas sonoras com as mais diversas trajetórias e ideias, mostrando que existem, sim, muitas mulheres produzindo música e tecnologia e se destacando nisso. Me impressionei muito mesmo com as mulheres apresentadas pelo Pink Noises. Fico pensando: como essas informações não chegaram a mim antes? Destaque para a [Carla Scaletti](#), uma das desenvolvedoras do Kyma, Pauline Oliveros (que atua desde os anos 50) e Eliane Radigue (que trabalhou como assistente do Pierre Henry, mas foi dissidente da estética da música concreta).

Tenho conhecido mais mulheres que trabalham com som, participo de um grupo de estudos que se organiza pelo facebook chamado 'Female Audio Pro Brasil'. Lá trocamos vários links, informações sobre softwares, marcamos estudos e aulas práticas em estúdios. É um grupo muito ativo e interessante. Encontrei também vários sites/grupos de mulheres compositoras, acervos, links, o que mostra que há um grande movimento no sentido de mostrar essas músicas feitas por elas e militar pela igualdade de circulação desse material.

Também tenho conhecido mais compositoras e mulheres interessadas em experimentar com áudio e tecnologia aqui no Brasil. Fora da universidade, existe um ambiente muito mais encorajador e inclusivo.

É o que sinto.

Fiquem com os links e divirtam-se (todos os textos estão em inglês):

- [*Her noise*](#) – Arquivo de obras, vídeos, documentário, áudios.
- [*When she codes, the revolution's coming*](#) – Artigo sobre feminismo e programação
- [*EKHOFEMALE*](#) – Informações bem diversas sobre o tema, com vídeos e infos sobre compositoras
- [*Girls on synth, girls on synth...*](#) – Algumas compositoras e link para seus websites
- [*Sound Girls*](#) – Espaço de apoio para mulheres que trabalham com áudio, possibilitando troca de contatos, informações e técnicas. Reúne vídeos, artigos, etc.
- [*NerdGirls – Mashup*](#) – história da música eletroacústica feita por mulheres, realizada por Antye Greie-Ripatti (AGF)
- [*Women and Music*](#) – Artigos sobre gênero e música
- [*Tara Rodgers*](#) – Site da criadora do Pink Noises, Tara Rodgers

Lista completa de entrevistadas do livro Pink Noises, para quem quiser pesquisar: Maria Chavez, Beth Coleman (M. Singe), Antye Greie (AGF), Jeannie Hopper, Bevin Kelley (Blevin Blectum), Christina Kubisch, Le Tigre, Annea Lockwood, Giulia Loli (DJ Mutamassik), Rekha Malhotra (DJ Rekha), Riz Maslen (Neotropic), Kaffe Matthews, Susan Morabito, Ikue Mori, Pauline Oliveros, Pamela Z, Chantal Passamonte (Mira Calix), Maggi Payne, Eliane Radigue, Jessica Rylan, Carla Scaletti, Laetitia Sonami, Bev Stanton (Arthur Loves Plastic), Keiko Uenishi (o.blaat)

Passados 5 meses desde que escrevi o artigo, eu quis revisité-lo, para ver se poderia acrescentar algo além de disponibilizá-lo na linda semanal.

Desde maio tive a chance de conhecer mais compositoras e trocar algumas figurinhas sobre o assunto, e por isso a minha sensação de que somos poucas e de que a composição experimental é dominada por homens mudou bastante (apesar

de, em porcentagem, ainda sermos minoria). Muitas disseram ter sentido e passado por coisas parecidas. Conheci inclusive muitas compositoras que não moram em São Paulo. O legal disso tudo é perceber como eu estava errada em achar que éramos poucas e, ao mesmo tempo, como eu estava certa em escrever sobre isso e poder, assim, conhecer outras compositoras e fazer essas novas conexões.

Por isso, a vontade de fazer com que essas compositoras se conheçam é ainda maior; e, ainda, a vontade de chegar às estudantes e às garotas interessadas em música e em tecnologia e dar referências de mulheres trabalhando na área. Somente isso já creio que as ajudaria um pouco a entender que SIM, há espaço para nós, e nós estamos aqui, ocupando-o. Não abriremos mão.

Creio que é importante uma certa militância (de quem se identificar com a causa) de abrir discussões como essa sobre gênero, falar sobre o assunto. Levar o tema às universidades, escolas. Não somente no nosso meio da música experimental, mas em outros meios artísticos e outras áreas de trabalho também, pois assim a questão deixa de ser individual e passa a ser discutida em grupo, possibilitando assim um maior amparo e compreensão das questões. Às vezes algum tema que nos parece pessoal pode ser, na verdade, mais universal do que pensamos.

Complemento agora com outros links interessantes que encontrei sobre o assunto, depois da publicação original. E quero também dizer que, caso outras compositoras/artistas sonoras estejam lendo isso e queiram fazer contato para próximos projetos ou conversas, me enviem um e-mail (juliatelesb@gmail.com) ou deixem um comentário!

Links (infelizmente a maioria está disponível somente em inglês):

- [Feminist Frequency](#) – Sobre sexismo na cultura pop e nos games
- [Muff Wiffler: Sexism in Audio Culture](#) – Artigo da *Bluestockings Magazine* (publicação feminista) sobre sexismo no audio

- [female:pressure](#) – Rede de contatos, links e eventos sobre gênero, música eletrônica, DJs, artes visuais.
- [Electronic Ladyland](#) – *Playlist* de música eletrônica feita por mulheres
- [Rediscovering the Electronic Music Godmothers](#) – Artigo do NY Times sobre mulheres pioneiras na música eletrônica
- [Daphne Oram Remembered](#) – *The Guardian* – Artigo sobre Daphne Oram, compositora inglesa pioneira na música eletrônica
- [Fear of Failure](#) – Artigo de uma designer sobre o medo de errar e sua experiência na universidade
- [Kapralova women in music](#) – Links e sites de compositoras, artigos, bases de dados, organizações
- [Flower Electronics](#) – Para comprar sintetizadores feitos por Jessica Rylan

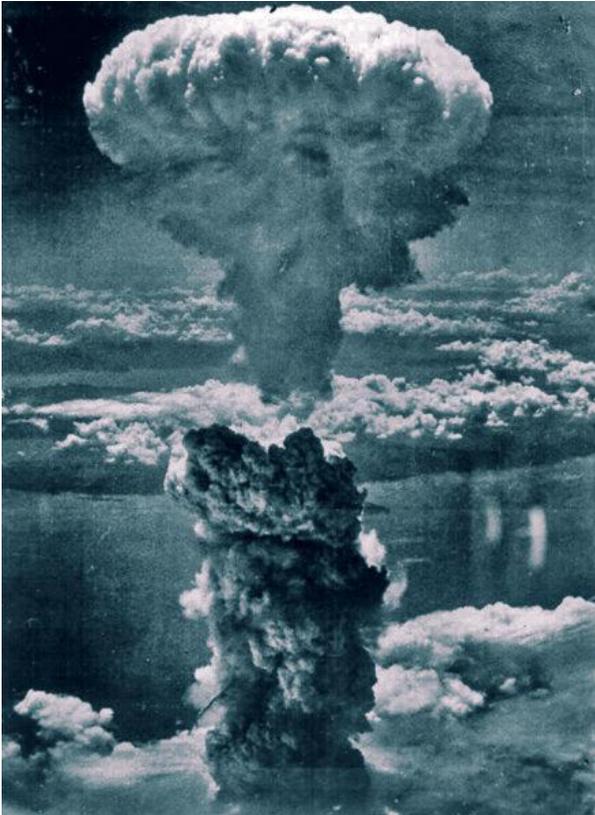
Experimental woman,
por Bárbara Scarambone



por 1 minuto (silêncio)

Bruno Fabbrini







SILÊNCIO

algumas coisas que eu tentei aprender com música espontânea até agora

Lucas Rodrigues Ferreira

é impossível falar sem pensar – algo faz sentido – e tocar? é possível tocar sem pensar?

falei sem pensar – talvez, manifesta algo ainda isso – isso “falar sem pensar”?

retomar, esquecer, desistir

retomar principalmente, esquecer acidentalmente, desistir por exaspero

dançar? aprender do corpo? [<https://www.era.lib.ed.ac.uk/handle/1842/1949> – aqui, Schroeder corrobora com Damasio corrobora com Spinoza dizendo que o corpo ensina o cérebro]

talvez a música do tempo estruturado se esgote e eu goste de sentir os baixos altos num show de axé, sei lá

Para DEREK BAILEY PLAYING WITHOUT MEMORY

Aproximadamente 631.000 resultados (0,34 segundos)

Resultados da pesquisa

Free improvisation – Wikipedia, the free encyclopedia

en.wikipedia.org/wiki/Free_improvisation Traduzir esta página

Guitarist Derek Bailey proposed “non-idiomatic improvisation” as a more ... Bailey has been quoted as saying that free improvisation is “playing without memory”.

Já para DEREK BAILEY WEBERN:

Aproximadamente 63.300 resultados (0,55 segundos)

Resultados da pesquisa

Derek Bailey, 75, Guitarist and Master of Improvisation, Dies ...

www.nytimes.com/2005/12/30/arts/30bailey.html Traduzir esta página

30/12/2005 – Derek Bailey, the English guitarist who helped to form a fractured style ... Mr. Bailey at the time was heavily influenced by Anton Webern and ...

bom, há memória do que é webern? há uma memória textural ou é uma cotinuação automática de algo?

há um corpo que se estende para além de si através da presença sonora

a música enquanto ocupação de espaço, tanto a música ruim que isso produz no ímpeto de se estar em um palco sem nenhuma diretriz, quanto algo mais mais:

[vídeo indisponível]

lemos o som morto e agora

Sérgio Abdalla

Glenn Gould, em suas “Perspectivas da gravação”, nos diz que a gravação tem suas perspectivas – ou que as tinha à época, 1965. O pianista publicou o [texto](#) e o [rádio-documentário](#), ambos abordando a questão segundo sua visão e a de teóricos e práticos do assunto. Fala-se, ali, das perspectivas, dos prospectos. Falemos aqui da palavra “*prospect*”, em inglês, em sua semelhança para com a perspectiva.

A perspectiva da gravação (ali, ele fala de gravação de som, unicamente, ao menos em tese) deve ser, de alguma forma, uma perspectiva, uma projeção em geral. E isso pode ser a decisão de que há mais de um plano; pode ser a decisão de que nosso próprio plano, ponto de vista, já é múltiplo e afetado por mais de um, sempre mais de um; pode se referir à decisão de fundar uma profundidade nas coisas, ou uma distância nas coisas, ou um espaço entre as coisas que lhes dá seu próprio plano a cada uma.

Pode ser uma mudança no olhar a geradora de tudo isso. Estávamos ali, viemos para cá, e agora nos demos conta da perspectiva.

E a gravação ela mesma já pode ser ou é perspectiva; ela mesma implica distância (e portanto mudança de ponto de vista) entre o gravado e o gravado. E agora?, os dois têm o mesmo nome, o que fazer?

O gravado (aquele que já existe e que está *sendo gravado*) e o gravado (aquele que é resultado da gravação).

E o som anterior, que gravamos, não passa a ser, de qualquer forma, resultado da gravação? O que sabemos dele posteriormente à gravação depende

da gravação, assim como dela depende o registro, a outra versão, a perversão, a versão posterior desse som anterior.

O interesse pela mídia e suas características, seu modo de operar, põe em segundo plano o artista com suas características – ou ao menos o coloca entre aspas, ou atrás de uma parece, ou debaixo de um véu, o que quer dizer que talvez ele até aumente em persuasão, pelo aumento de seu mistério. Talvez o músico vire um sujeito místico, sua face oculta pelo tempo (sempre indefinido, advoga Gould) que se passou desde a gravação. Ou, ao contrário, um contato muito direto, escutas quase coladas a seu corpo, uma análise muito minuciosa de todos os seus movimentos, tornam-no desinteressante, puramente biológico, nem sequer vivo, simplesmente mecânico, um robô, um objeto da natureza, enfim, sua humanidade vai-se embora junto com sua presença de artista performático (o artista que faz ao vivo), e o que fica é seu espectro como máquina retratada por outra máquina e lida por ainda outra. Imagens de máquinas.

O músico à parte, presente ou não: com a proximidade de tudo, nós dissecamos a música. O que há dentro dela? Ou: o que havia dentro dela? O corpo dissecado está morto. Se procurávamos vida, acabamos com ela. Slavoj Žižek fala da paixão pelo Real. “Bem-vindos ao deserto do real”, a música pode nos dizer ao receber-nos por dentro. “Como vocês podem ver, não há nada pra se ver aqui.” A realidade mais real da música, mais próxima, mais despida, é, para nossa tristeza e talvez regozijo na violência, ela mesma um *efeito* da gravação.

Do gravado, que é ao mesmo o presente passado e o atual fantasma, temos um corpo mecânico e morto. A nova imagem do homem e do mundo é também a do som na gravação. Temos um corpo mecânico e morto. Pode-se reclamar dessa morte, cadê a vida de antes, antes..., mas não podemos esquecer que a imagem de um antes depende desse mesmo registro, desse mesmo fantasma. E, se não podemos esquecer que o passado é uma imagem presente,

a gravação está aí e nos ajuda a lembrar. O contato com o mais íntimo e o mecânico do som e do que se grava garante-nos a leitura dele como documento.

Gould fala, tanto no rádio-documentário quanto no texto, que a performance como evento histórico morre e merece morrer para dar lugar à gravação como evento fora da história que existe somente como um provisório para dar lugar a um objeto. A gravação, aí, existe somente como futuro, e não teria o aspecto de documento. Ou seria um documento sem referência, que de alguma forma não diz o que documenta, e só tem um vetor para o futuro, sem retomada de sua situação originária. Ainda assim, uma inscrição, porém não mais um testemunho.

Como não testemunhar, porém, nossa própria falta de memória? Como não querer marcar como aqui e agora as presenças envolvidas, e envolvidas para que delas se esqueça, na gravação?

O som gravado é o som gravado. A ambiguidade do nome resiste, não sai de cena sem maiores artifícios. Fiquemos com ela. Então o som posterior é o som passado. Com a gravação, mesmo que não cessemos que questionar “como?”, algo de novo aconteceu com o tempo. Talvez tenha sido um novo olhar para o som, para perceber que, a partir de agora, ele sempre esteve morto. O prospecto é de que o som continue a tornar-se assim, de agora em diante e de agora para trás.

A música mecanicamente inscrita e morta é nossa única imagem presente do passado, e é a atualidade maior possível, que está aqui para esquecer sua origem, sua identidade, e ser reproduzida já e unicamente já. Nisso, em que diferem uma partitura e uma gravação?

o som da razão produz monstros

Lilian Nakao Nakahodo

Passo ao lado de figuras geométricas enormes, coloridas, que estão no chão de pedregulhos. Crianças brincam ao redor de um quadrado amarelo, atravessando-o de um lado pro outro. Caminho e entro embaixo de uma árvore com a raiz exposta, que está suspensa no ar. Olho pra cima e vejo o céu, azul azul, cheiro de mato, muitos pássaros cantando. Sinto que completo essa cena. Tranquilidade. Adiante, encontro um jardim de letras que germinam e formam palavras que nunca vi. Então, entro em um galpão branco, com 98 alto falantes espalhados e algumas cadeiras em semicírculo. No centro desse conjunto, uma mesa com um gramofone. Caminho e ouço passos me circundando. Não vejo ninguém. Ruídos estranhos.... “OK... it was... it was... it was a very bizarre dream, one of the strangest...”, diz Janet Cardiff...

Opa... Até Janet Cardiff por aqui?

Oniro não é um deus. Como um Exú mais requintado, é um intermediário enviado pelos deuses para manifestar-se como mil personificações aos mortais. Ilusões ou presságios? Iniciáticos, mitológicos? Releituras do passado ou visões do futuro? Com mensagens nem sempre claras, esse *daemon* chegava aos homens de forma ambígua, através de portas de marfim ou portas de chifres, tanto de dia quanto de noite.

Daemon... Alto falantes seriam um tipo de daemon? Nesse galpão branco, alguns alto falantes flutuam. Há pessoas ali, sentadas, imóveis, num estado contemplativo. Me lembro de uma cena do Tarkovski, em Nostalghia. Continuo caminhando

por esse jardim de caixas negras. Sons de uma fábrica aparecem. Janet segue contando seu sonho pra mim, mas ela não está lá. Homens começam a entoar um cântico tibetano e, de repente, estou em outro tempo. Passo ao lado de cada um deles, tentando entender o que falam. Eles me ignoram e seguem cantando. Juntam-se a eles outros instrumentistas, que constroem uma sinfonia incompreensível pra mim. Clímax. E então... silêncio.

A instabilidade e a ambiguidade, no sonhar quanto no recordar dos sonhos, também povoam o mundo dos sons. Algumas músicas inspiradas pelo universo onírico transmitem um clima etéreo, construído com sons bonitos, *re-verbs* de cauda longa, *chorus*, transições suaves e pedais mânticos. Parecem reforçar a conotação, digamos, positiva, que a palavra provoca no uso ordinário. Como o pão fofinho polvilhado de açúcar com recheio de creme, que adoramos. Há também aquelas que reproduzem o lado mais apoteótico da dramaturgia dos sonhos. Aí, reconhecemos as justaposições aparentemente ilógicas, as elipses de tempo e lugar, a psicodelia, elementos e associações estranhas ao nosso estado mental em seus momentos mais despertos. É a linguagem dos seus símbolos que nos encanta, através de imagens e sons carregados de afetividade em simbiose com nossa vida psíquica, pessoal e social. Sonhamos em 1ª pessoa.

Começo a ficar agitada. O sonho de Janet começa a virar um pesadelo. Querem arrancar a perna de um rapaz! ela conta assustada. Janet é, na verdade, um gramofone. A pessoa que ia arrancar a tal perna diz: “We don’t really cut it off, we just scare the shit out of them. We need people with two feet”. A partir disso, o clima muda. Uma música suave começa a soar. Vento, ondas e gaivotas me transportam para uma praia vazia. Até que a música se transforma numa ária grandiosa. Arrepio. Acompanhada por um piano, uma mulher canta com lirismo: “Where is my leg, where has it gone?” E um coro responde: “where is her leg, where has it gone? She’s lost her leg, where has it gone?”. “Onde está minha perna”... eu estou vendo isso mesmo?

Há muitas dessas histórias em que fulano concebe uma música enquanto dorme. Como Giuseppe Tartini, que disse que concebeu sua melhor obra quando desafiou o diabo em um sonho. Até Paul McCartney, que sonhou com uma melodia nova e acordou, preocupado, achando que era um caso de criptomnésia. Bem, comigo, o máximo de sucesso que um sonho me trouxe – bem diferente de *Yesterday* – foi algumas horas de descanso enfeitado.

O lance é que o universo onírico é, por constatação pessoal quantitativa, um universo de visões, de imagens. Dali, Tarkovsky, Kurosawa, David Lynch, Fellini... esses influenciam até o jeito das pessoas sonharem, acho. Leminski, que era um grande fã do cinema americano, disse que seus sonhos pareciam ser dirigidos por Hitchcock, Ford, John Frankenheimer e Coppola. Interessante seria conhecer alguém que dissesse ter sonhos “aparentemente” (isto é, sonoramente) assinados por Randy Thom, tipo. Porque não é fácil ter sonhos com uma riqueza de detalhes sonoros tão expressiva como temos com imagens. Enquanto não temos essa desenvoltura técnica, contamos com a contribuição da arte em releituras criativas.

A ópera dá lugar a uma balada com ares pop. A praia é inundada por um bando de corvos em vôo. Sinto a asa de um deles fazendo cócegas no meu ouvido esquerdo. Um violão folk acompanha a voz suave de Janet. Não sabia que ela cantava. “Crows did fly / Through the sky / I hear their cries / Strange lullaby / Close your eyes and try to sleep / They wait for me in the middle of the night / It’s hard to believe it now / But I know it’s going to work out right / Dreams will come / And when they’re done / It won’t be long / Until the dawn / So close your eyes and try to sleep / Strange noises always make it difficult to sleep / The dogs are barking and it echoes down the street / Crows did fly / I hear their cries / From far and wide / Echo through the sky / Strange lullaby / Crows did fly / Close your eyes and try to sleep / Close your eyes and try to sleep / Close your eyes and try to sleep.”

Fecho os olhos e tento lembrar a experiência na instalação sonora *The Murder of Crows* (2008), da Janet Cardiff e seu parceiro George Bures Miller. *The Murder of Crows* tem como uma de suas inspirações a gravura de Goya, *O sono da razão produz monstros*, e fica no museu do *Inhotim*, em Minas Gerais. Um lugar que parece, assim mesmo e só por existir, surreal.

os olhos

Natália Keri

Nesta segunda fase da coluna de sua coluna quinzenal na *linda*, a Natália Keri parte de obras importantes da História da Música Eletroacústica para escrever.

Hoje, a partir da obra “Music of the spheres” de Johanna M. Beyer: https://youtu.be/REVFN7A6_4

Odeio ter que ir ao banheiro durante a noite. Ter que sair da cama quente e macia, pisar no gelado, sentar na privada e se esforçar para não dormir sentado. Ficar que nem bobo olhando a água da descarga girar, lavar a mão (gelo!), apagar a luz e se arrastar para cama.

Mas naquele dia foi pior do que isso. Primeiro porque o piso, além de gelado, estava meio grudento. Droga, o Ricardo tinha derrubado a droga do creme de novo. Sentado no vaso então uma luz estranha me cutucou (droga!) no canto do olho. Eram dois pontos, duas lampadinhas que às vezes piscavam e se moviam.

Quando levantei para dar a descarga, parei de achar que o Ricardo tinha esquecido a luz do quintal acesa. Eram na janela dois olhos em uma cara escura e comprida com uma boca pequena rasgada. Não vi nariz. Havia também alguns dedos grudados no vidro. Os olhos eram do tamanho de bolas de tênis e estavam muito cansados. O cansaço só não vencida a curiosidade.

No meu caso, a curiosidade não vencida o espanto e o torpor, o que me impedia de me aproximar da janela. Não conseguia também virar as costas, lavar a mão, apagar a luz e voltar para a cama. Fiquei então com o olhar grudado

naqueles olhos, que nem ficava olhando a água da privada. Uma onda de sono então me afogou em um bocejo enooooorme, E então os olhos não estavam mais lá.

Fiquei mais uns minutos parado, depois apaguei a luz e deitei na cama. Mas não conseguia dormir (droga!), o cachorro do vizinho estava fazendo barulho no quintal.

inútil

Luisa Puterman

As vezes escrever sobre som parece ser
inútil, não no sentido de não possuir uso,
inútil em termos inalcançáveis, inefáveis,
impossíveis, “in” fora de algo longe, muito longe,
longe a palavra aprisiona o som,
oprimi suas vontades e descarta sua alma,
talvez não de maneira irreversível e eterna,
mas sim o faz e nessa sua nova cela sem
reverb, seca ou repleta apenas de
distorções e interferências simbólicas,
provenientes de raciocínios sobrepostos
calçados em repertórios viciados e farto de
conclusões, essas sim inúteis, redondas
redundantes e circulares, mas não
esféricas, uma bola de elásticos, composta
por ruídos, drones, transientes, líricos,
irritantes, incansáveis que percorrem as
cócleas em topografias nauseantes em
constante ritmo irregular sem trégua nem
sessar em cujo liquido nos faz equilibrar
em labirintos que percorrem a vida ou a
ilusão de nela estar, som forma algo que

nos faz do vibrar mas sutil que um átomo
posso emanar, por um comum 440 por
segundo em milhões de decibéis a anos luz
de infinitas galáxias no vácuo num som há
e a dúvida de haver motivo para um buraco
negro ressoar a existência da escuta,
desenvolvimento, evolução, excesso pausa
há e se não um fluxo crescente num
glissandro torpe, mal executado,
reprovado e realocado do XX para o XXI,
legitimará tudo aquilo que não música foi,
um dia será, se já não agora é ou apenas
em algum momento, espaço lugar sim foi e
acabou, o fim numa possível mega
retração, na inercia reversa de uma
gravidade exponencial, infreável na
esperança de recriar um recomeço nuclear
repleto de nada pois, neles algo há o dever
de perdoar à poesia que por séculos não
teve a intenção mas sem perceber calou os
sons que são apenas seres singelos,
discretos e ai agora estão como uma praga
consequente de escolhas alheias, ignorbes
prepotentes das tiranias canônicas de um
passado que não existirá uma ficção
esquecida na memória das orais tradições
de melodias e razões orientais de algum som

ser e estar em paralelos mundos que vagueiam
em trítonos recalçados, rebeldes sem que
abriguem contrapontos dodecafônicos ou tonais
que não de se tornar livres de um pensamento
chato, sem sentido, fraco de tanto pensar e
se auto meta criticar em uma não forma se
transformar para daí então descobrir que
não há destino, pois no fim tem silêncio,
que indisponível na vida é o respiro
do sangue circular.

ezequiel – forclusión v - vanguardia sul americana de nova música

Adam Mastchulat

A **Vanguardia Sul Americana de Nova Música** é um grupo no SoundCloud criado por produtor e fundador do selo *Resterecords* Adam Matschulat e tem foco em unir artistas contemporâneos da América do Sul. O grupo é lar para música experimental, alternativa e contemporânea.

Quinzenalmente Matschulat irá contribuir com uma seleção de uma música do grupo e irá compartilhar palavras sobre sua escolha.

Ezequiel: Forclusión (2014).

<https://soundcloud.com/ezequiel-1/forclusion-i>

Ezequiel é Ezequiel Esquenazi, compositor Argentino de Buenos Aires, formado pela Academia Alberto Ginastera em Morón (Buenos Aires) e participante do Laboratório de Investigação e Produção Musical (LIPM, Buenos Aires).

Forclusión V é uma obra para piano, guitarra e eletrônicos que conta com a participação de Daniela Campisi (piano) e Ricardo Cuadros Pradilla (guitarra) no LIPM onde gravaram os instrumentos que serviram de base para a composição.



“Neste trabalho procurei gerar um diálogo com outras obras através do material (principalmente gerados por sintetizadores) e a obra trabalha com diferentes graus de referencialidade; ambos os eletrônicos e os instrumentos. Gestos de ambos os mundos, instrumental e eletrônico, trabalham para gerar a sintaxe.” – Ezequiel

Ezequiel Esquenazi atualmente é coordenador de produção do festival de música contemporânea “Nuevas Músicas por la Memoria” em Buenos Aires.

Para mais informação visite:

www.facebook.com/ezequieleles

soundcloud.com/ezequiel-1

soundcloud.com/foutelesquenazi

nmxml.com.ar

Acompanhe outras faixas da Vanguarda:

[áudio indisponível]

Publicado originalmente em formato virtual (website) no dia 27 de outubro de 2014

Sobre a linda

A revista digital *linda* foi criada em 2014 como parte das atividades coordenadas pelo coletivo de música eletroacústica NME, ativo entre 2011 e 2018. Ao longo de mais de 50 edições, a revista reuniu autores de diversas regiões do Brasil e do exterior em torno do que se buscava caracterizar como uma cultura musical eletroacústica. Além de funcionar como um veículo de comunicação e espaço criativo de experimentação artística para os membros do coletivo, a revista buscou criar interlocução entre as cenas de música experimental de diferentes regiões do país, expandindo sua rede de colaboradores para além do estado de São Paulo. Por razões técnicas a *linda* foi retirada do ar em 2021. Com este projeto de reedição, a enorme quantidade de textos produzidos torna-se novamente acessível ao público em geral.

Coordenação Geral: Gustavo Branco, Julia Teles e Fernando Iazzetta

Diagramação: Elisa Bosso Fernandes e Ana Clara Gimenez

Apoio: NuSom e Berro

NUSom
NÚCLEO DE
PESQUISAS EM
SONOLOGIA

BERRO